



CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

2

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2021



CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

2

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lillian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C244 Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais 2 /
Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André
Ricardo Lucas Vieira, Ilvanete dos Santos de Souza. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-166-1

DOI 10.22533/at.ed.661211106

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador).
III. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021, com a aprovação do uso das vacinas no Brasil e com aplicação a passos lentos, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Como assevera Santos (2020), desde que o neoliberalismo foi se impondo como versão dominante do capitalismo o mundo tem vivenciado um permanente estado de crise; onde a educação e doutrinação, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são os principais modos de dominação ao nível dos Estados.

Nesse sentido, a pandemia, ainda segundo o autor anteriormente referenciado, veio apenas agravar a crise que a população tem vindo a ser sujeita. Esse movimento sistemático de olhar para as crises, postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto dessa crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**Capitalismo Contemporâneo e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re) pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que aceitaram fazer parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestradas, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

Ilvanete dos Santos de Souza

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRESENÇA VIVA DE PAULO FREIRE: DO OMBRO AMIGO À LUTA ESPERANÇOSA Darli Collares Nina Rosa Ventimiglia Xavier DOI 10.22533/at.ed.6612111061	
CAPÍTULO 2	9
DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Núbia R. B. da Silva Martinelli DOI 10.22533/at.ed.6612111062	
CAPÍTULO 3	19
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA E A TENSÃO PÚBLICO-PRIVADO: COLEGIALIDADE E PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL NAS INSTÂNCIAS DE GESTÃO Brenda Natallie Girardi de Almeida Cristina Fioreze DOI 10.22533/at.ed.6612111063	
CAPÍTULO 4	24
A LUTA DE CLASSES NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTADO E PODER Algacir José Rigon DOI 10.22533/at.ed.6612111064	
CAPÍTULO 5	29
COMPREENSÕES DO TRABALHO EM MARX: A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DE 2020 Caio Vinicius Freitas de Alcântara Daniel Lima Fonseca Ivys de Alcântara Silva DOI 10.22533/at.ed.6612111065	
CAPÍTULO 6	43
A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PRODUTO DA PÓS MODERNIDADE E DA GOVERNAMENTALIDADE Nancy Rigatto Mello Gilmar dos Santos Sousa DOI 10.22533/at.ed.6612111066	
CAPÍTULO 7	59
EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE RISCOS, RABISCOS E ESPAÇOS QUE APRESENTEM UM MUNDO LETRADO Fabiana Hortolani Sartori Josilaine Aparecida Pianoschi Malmonge Sintia Otuka Rossi	

DOI 10.22533/at.ed.6612111067

CAPÍTULO 8	67
POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, POBREZA, O BANCO MUNDIAL E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS	
Lilian Aparecida Carneiro Oliveira Victor Cavalari Vieira de Oliveira Emmanuella Aparecida Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.6612111068	
CAPÍTULO 9	82
A AVALIAÇÃO INTERNA NO SINAES: GESTÃO DA INFORMAÇÃO E MELHORIA DA QUALIDADE	
Adriana Almeida Sales de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6612111069	
CAPÍTULO 10	93
PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EJA: CAMINHOS POSSÍVEIS	
Hellen Nepomuceno de Oliveira Odair Ledo Neves	
DOI 10.22533/at.ed.66121110610	
CAPÍTULO 11	105
A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA BAIXADA FLUMINENSE: DISPUTAS EPISTÊMICAS NA GEOGRAFIA	
Vinícius de Luna Chagas Costa Diomario da Silva Junior Marcus Vinícius Castro Faria Cícero de Aquino Costa Simões	
DOI 10.22533/at.ed.66121110611	
CAPÍTULO 12	117
UM ESTUDO SOBRE OS ESTILOS PARENTAIS: REFLEXÕES SOBRE O NÃO LUGAR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Célio Rodrigues Leite Débora Quetti Marques de Souza Maria Paula Cavalcanti Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.66121110612	
CAPÍTULO 13	130
OUVIR, FALAR, REFLETIR: TÉCNICAS DE ENTREVISTA E ANÁLISE DE CATEGORIAS QUALITATIVAS	
Marcos Bentes Luna de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.66121110613	
CAPÍTULO 14	140
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E DESFILES ESCOLARES NA FESTA DO COLONO	

DE MANIÇOBA: UMA PEDAGOGIA ALTERNATIVA

Micael Benaic Honório Santos

Edonilce da Rocha Barros

DOI 10.22533/at.ed.66121110614

CAPÍTULO 15..... 158

ESTRATÉGIA PARA MELHORAR E CONSOLIDAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DE MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Maria Isabella Lima Garção

Gylles Ricardo Ströher

Gisely Luzia Ströher

DOI 10.22533/at.ed.66121110615

CAPÍTULO 16..... 165

A ALFABETIZAÇÃO EM CLASSE MULTISSERIADA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Márcia Rejane Scherer

DOI 10.22533/at.ed.66121110616

CAPÍTULO 17..... 173

NOVO E VELHO NORMAL: A RENOVAÇÃO DA DESIGUALDADE DIANTE DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA ILHA DE COTIJUBA /PA-BRASIL

Alessandra Quaresma Gonçalves

Alexandre Augusto Cals e Souza

Benedito Bastos da Costa

DOI 10.22533/at.ed.66121110617

CAPÍTULO 18..... 186

A FORMAÇÃO COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE NO TERRITÓRIO CAMPONÊS

Ana Clara da Silva Nascimento

Deyse Morgana das Neves Correia

DOI 10.22533/at.ed.66121110618

CAPÍTULO 19..... 199

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Jeane Melriele Rodrigues Ferreira

Giane Lucélia Grotti

DOI 10.22533/at.ed.66121110619

CAPÍTULO 20..... 210

ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA NARRATIVA INFANTOJUVENIL: *JOÃO, PRESTE ATENÇÃO!!*

Maria Luiza de Britto Zeferino

Márcia Aparecida Amador Mascia

DOI 10.22533/at.ed.66121110620

CAPÍTULO 21	223
O DIÁLOGO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Eliara Zavieruka Levinski	
Ana Carolina Cabral Leite	
Caroline Simon Bellenzier	
DOI 10.22533/at.ed.66121110621	
CAPÍTULO 22	228
EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÕES COM O MUNDO DO TRABALHO	
Juliana Gisele da Silva Nalle	
Claudionei Nalle Junior	
DOI 10.22533/at.ed.66121110622	
CAPÍTULO 23	235
AUSÊNCIA DE AUTORIDADE E A PERMISSIVIDADE DOS PAIS: REFLEXOS NA EDUCAÇÃO	
Maria Aurora Dias Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.66121110623	
CAPÍTULO 24	242
A EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Angélica Baumgarten Gebert	
DOI 10.22533/at.ed.66121110624	
CAPÍTULO 25	251
ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS: UMA PERCEPÇÃO SOBRE O CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES DO IF FLUMINENSE CAMPUS CAMPOS CENTRO	
Cristina Alves Baptista	
Mayara Teodoro Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.66121110625	
SOBRE OS ORGANIZADORES	256
ÍNDICE REMISSIVO	258

CAPÍTULO 5

COMPREENSÕES DO TRABALHO EM MARX: A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DE 2020

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 04/03/2021

Caio Vinicius Freitas de Alcântara

UEPA

<http://lattes.cnpq.br/6227966131100620>

<https://orcid.org/0000-0002-1675-2042>

Daniel Lima Fonseca

UNAMA

<http://lattes.cnpq.br/0720518746547781>

<https://orcid.org/0000-0003-3605-8397>

Ivys de Alcântara Silva

UFPA-PPGED

<http://lattes.cnpq.br/9638554015500722>

<https://orcid.org/0000-0002-7665-6634>

RESUMO: O contexto da pandemia do Novo Coronavírus colocou o mundo em estado de emergência, criando uma condição de abalo em todos os âmbitos do modo de ser humano. Esta circunstância anômica obrigou inúmeras categorias de trabalhadores a adotarem leis emergenciais e métodos de flexibilização do trabalho que catalisaram processos de exploração e defasagem de direitos trabalhistas. Nesse sentido, para entendermos esses processos de exploração, revisitamos a definição marxista de trabalho e algumas de suas categorias circunstantes, que nos ajudem a compreender esses processos de espoliação do trabalho vivo humano, categorias como trabalho alienado, mais-valia, mais-trabalho e intensificação. Em

nosso percurso, de cunho eminentemente qualitativo e bibliográfico, pretende-se perceber como tais categorias acirraram os prejuízos ao trabalho docente no período da pandemia de Covid-19 em 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, intensificação, trabalho docente, Marx, pandemia 2020.

UNDERSTANDINGS OF WORK IN MARX: THE INTENSIFICATION OF TEACHING WORK IN THE 2020 PANDEMIC

ABSTRACT: The context of the New Coronavirus pandemic caused the world to face a state of emergency, demanding massive changes in how our society operates. This unusual situation forced many categories of workers to adopt emergency policy changes, in legislation and operation, many of which facilitated exploitation and gradual deterioration of labor rights. Under the light of these recent events, we revisit the Marxist definitions of work and some of the categories around this conception, assisting us to understand these processes of abuse over the working class, such as: alienation from labor, surplus labor and intensification of labor. In this journey of eminently quantitative bibliographic nature, we intend to ascertain the losses of such groups as teachers, as well as their labor during the Covid-19 pandemic period of 2020.

KEYWORDS: Work, intensification, teaching work, Marx, pandemic 2020.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS: COMPREENDENDO TRABALHO EM MARX

Para além da já consagrada e amplamente utilizada origem etimológica do termo “trabalho”, como associada à ferramenta de colheita e instrumento de tortura *tripallium*, Karl Marx (1818-1883) amplia a noção de trabalho, reelaborando concepções idealistas de antecessores, como Hegel e Feuerbach, atribuindo à categoria trabalho um *status* de fundamento ontológico do *ethos* humano. Diz ele,

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...] A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2017, p. 255)

Logo, o trabalho, como uma atividade orientada a um determinado fim, nos diferencia dos outros animais e deixa de ser uma atividade baixa, em comparação a vida contemplativa dos pensadores antigos, passando a ser o elã vital da relação do sujeito com a *physis* e com sua própria natureza social humana.

À vista disso, ao longo de suas obras, Marx diferencia o trabalho em seus momentos simples e abstratos, bem como as diferentes apresentações dos frutos do trabalho em forma de produto. Para expor de modo mais sintético essas diferenças, recorreremos às compreensões de Dermeval Saviani (2011) que divide o trabalho humano em dois principais modos: “trabalho material” e “trabalho não material”. Em sua obra *Pedagogia histórico-crítica* o autor cita a primeira forma de trabalho como uma produção humana em seu estado físico e palpável, desta forma girando em torno de bens materiais. Já o trabalho não material “Trata-se aqui da produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber” (SAVIANI, 2011, p.12). A educação encontra-se situada no segundo modo de trabalho, que, por sua vez, se ramifica em mais duas subdivisões:

A primeira refere-se àquelas atividades em que o produto se separa do produtor, como no caso dos livros e objetos artísticos. Há, pois, nesse caso, um intervalo entre a produção e o consumo, possibilitado pela autonomia entre o produto e o ato de produção. A segunda diz respeito às atividades em que o produto não se separa do ato de produção. Nesse caso, não ocorre o intervalo antes observado; o ato de produção e o ato de consumo imbricam-se. É nessa segunda modalidade do trabalho não material que se situa a educação. (SAVIANI, 2011, p.12)

Estes desdobramentos inferidos por Saviani remetem necessariamente ao conceito de trabalho elaborado por Marx, que, por seu turno, derivam-se das primeiras impressões descritas por Hegel acerca do tema, impressões mencionadas há alguns parágrafos.

Todavia, o olhar marxiano acerca do conceito de trabalho em Hegel imprime alterações ao mesmo, trazendo nova interpretação crítica ao considerar aspectos pós-revolução-industrial e fazer a análise sobre as reais condições tanto do trabalho como do trabalhador da época, reflexões que se prolongam e ecoam até os dias de hoje.

Marx conseguiu ultrapassar os limites do idealismo hegeliano trazendo novos direcionamentos em relação a inúmeros conceitos-chave de seus antecessores. Dentre eles, surge uma nova significação do conceito de alienação, que, ao invés de significar a exteriorização da criação humana, como queria Hegel, acaba por tomar uma diferente acepção e passa a ser interpretado como algo que está alheio a si próprio.

Em termos marxianos, a atividade laboral humana torna-se nociva ao sujeito quando os produtos de seu trabalho não pertencem mais a este criador. Estes produtos passam a ser alheios ao seu próprio produtor e começam a ser pertencentes ao capital. De forma prática, é possível observar no mundo contemporâneo, como se dão as relações de comércio, nas quais as grandes empresas e indústrias tomam conta de parcela significativa do mercado, onde o proletariado torna-se parte manufatureira diretamente relacionado a confecção de materiais e operacionalização dos serviços, mas que não usufrui de sua própria produção. Este método de produção laboral é chamado por Marx de trabalho alienado (MARX, 2010).

Este trabalho alienado acarreta graves consequências ao ser humano. Dentre elas está a subversão do trabalho como categoria ontológica essencial do modo de ser humano, reificando não apenas os produtos dessa construção culturais, como também as relações humanas e de trabalho.

2 | TRABALHO ALIENADO

As consequências do trabalho alienado são diversas, dentre elas está uma que compete diretamente ao propósito desta breve pesquisa: a inevitável reificação do produto do trabalho humano e a intensificação das diferentes formas e dinâmicas de labor na atualidade, assim como seus acirramentos no período da pandemia do Novo coronavírus.

Doravante passaremos a descrever algumas das principais ferramentas ou instrumentos assimilados pelo capital e que permitiram a corrupção do trabalho como categoria fundamental humana, descrição que tenta responder à questão a respeito de quais seriam as origens e principais agravantes do processo de intensificação das dinâmicas laborais e das formas de produção do trabalho.

Para adentrar na discussão que esta questão incide, faz-se mister antecipadamente compreender alguns aspectos acerca de como se consolidou o poder do capital sobre o trabalho alheio. Tal força opressora é advinda da posse do capital, que nada mais é que “o poder de governo sobre o trabalho e seus produtos” (MARX, 2010, p.40). Ou seja, o capital acaba por tomar uma conotação como sendo a posse, por parte do capitalista, dos produtos manufaturados pelo proletário; em outras palavras, o “capital é trabalho armazenado”

(MARX, 2010, p.40), propriamente, o acúmulo de força de trabalho que por sua vez gera produtos provenientes deste trabalho, que por sua vez gera lucro ao capitalista. Assim, o trabalhador operário torna-se alheio ao produto de seu trabalho, reduzindo-se, meramente, à executor de atividades automatizadas e alienantes.

Como já pudemos observar, o trabalho alienado degenera a concepção idealizada de trabalho, que detinha suas raízes fincadas em um tempo pré-revolução-industrial no qual, de certa forma, o trabalhador ainda não sofria as consequências mais severas da exploração patronal. Podemos contemplar, também, a contínua luta (ou massacre) entre proletário e capitalista, na qual o trabalhador manufatureiro se revela o principal prejudicado. Para tornar possível tamanha exploração, o trabalho, com o passar do tempo e a evolução dos meios de produção capitalista, adquire uma concepção mecanizada, robotizada e fragmentada.

Esta fragmentação das funções trabalhistas tem consequências perniciosas ao trabalhador, fazendo com que este se torne cada vez mais limitado às funções a ele determinadas. A partir desta linha de raciocínio, constata-se que o trabalho alienado se torna ao trabalhador um ato maçante e marcado pelo desprazer.

Primeiro, que o trabalho é externo (*äusserung*) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se firma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho(...) O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, *trabalho obrigatório*. o trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação. (MARX, 2010, p. 82-83)

Em resumo, o proletário trabalha em larga escala, competindo com seus pares por uma vaga para executor de funções laborais maçantes, mecânicas, repetitivas e exploratórias, buscando a obtenção de melhores condições de vida por meio do salário que lhe é ofertado, alheio a utilização de sua força de trabalho para a manufatura de produtos e serviços dos quais, muitas das vezes, são destinados às classes mais altas que não a do pequeno proletariado.

Por fim, o ciclo da alienação ou estranhamento do trabalho acaba por implantar no íntimo do trabalhador o entendimento do produto de seu trabalho como algo alheio a si próprio, de forma a aparentar ao proletário o estado de desapropriação de sua própria força de trabalho e, ainda, a percepção acerca do trabalho como sendo somente produzido pelo trabalhador, porém, pertencente ao detentor dos meios de produção. Marx exemplifica este processo confrontando o trabalho alienado com a “religião [onde] a auto atividade da

fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica” (MARX, 2010, p. 83), portanto, traçando um comparativo com o labor, pode-se dizer que “assim também [como na atividade religiosa] a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.” (MARX, 2010, p. 83)

Em meio a todos esses complicadores – e muitos outros não mencionados – será possível que ainda haja outros meios do burguês explorar o proletariado? O capital sempre encontra um meio, pois “a procura, da qual a vida do trabalhador depende, depende do capricho do rico e capitalista” (Marx, 2010, p. 24). Dito isso, fica claro o poder excessivo do dono do capital sobre seus operários, permitindo lançar mão de inúmeros recursos, que são assimilados, aprimorados e estudados ao longo do tempo. A exemplo disto tem-se a fragmentação das funções dos trabalhadores no ambiente de trabalho.

Esta atitude, como abordado anteriormente, serve como método alienante utilizado pelo capitalista, na intenção de fragmentar o conhecimento do operário, por meio da fragmentação de suas funções durante o tempo de trabalho. Todavia, esta não é sua única função danosa perante o trabalho assalariado. Esta fragmentação promove a dissociação acentuada entre o produtor e o produto, tornando este produtor alheio à quantidade de produto que por ele foi produzida, conseqüentemente tornando-o alheio também acerca do valor de sua produção diária, semanal, mensal e anual.

Sem meios de mensurar o valor de sua produtividade, o trabalhador alienado, acaba por se submeter a condições de trabalho exploratórias, muitas vezes beirando condições degradantes, e ainda submetendo-se a salários minimizados em função da falta de valorização de sua classe aos olhos do sistema. O detentor dos meios, por sua vez, objetiva de forma quase obcecada a lucratividade do trabalho alheio que por ele foi apropriado. Por esta razão que a classe dominante sente a necessidade de criar este tipo de artifício para manter o contínuo ciclo de trabalho alienado, que serve como motor gerador de mais acúmulo de capital para a classe burguesa. Portanto, retomando a questão inicial deste tópico, “que outros elementos e ferramentas podem servir como meios de drenagem e liofilização do trabalho?”.

Conceitos como mais-trabalho (que aborda aspectos referentes à jornada de trabalho) e mais-valia (que diz respeito aos excedentes de lucros) incorporam exemplos de metodologias que trabalham em prol da alienação em massa da classe proletária e do trabalho em diferentes níveis. Deste modo, a definição e contextualização dos conceitos mais-trabalho e mais-valia são imprescindíveis para compreender, com maior especificidade, o embate no qual se transformou a correlação entre a intensificação e a quebra dos limites espaço-temporais do trabalho na atualidade.

3 I MAIS-TRABALHO E INTENSIFICAÇÃO

O conceito em pauta trata, antes de mais nada, do tempo ou intensidade adicional do trabalhador na execução de sua atividade laboral. Ou seja, é o ato de executar trabalho em quantidade demasiada, visando a lucratividade ou aumento na produção diária, semanal, mensal, anual, etc. Para que isso ocorra, faz-se necessária a disposição por parte do trabalhador, de se sacrificar em suas funções laborais, depositando nelas quantidades excessivas de energia em prol da produtividade, ou lucratividade ao empregador, e em detrimento à salubridade e sua qualidade de vida. (MARX, 2017. P. 305-316)

Destarte, observa-se que o ato de mais-trabalho não é, exclusivamente, consequência de uma jornada de trabalho prolongada, pois, se se aumenta a intensidade durante as horas trabalhadas, ainda assim, há um acúmulo de mais-trabalho:

A jornada de trabalho não é, portanto, uma grandeza constante, mas variável. Uma de suas partes é, de fato, determinada pelo tempo de trabalho requerido para a reprodução contínua do próprio trabalhador, mas sua grandeza total varia com a extensão ou duração do mais-trabalho. A jornada de trabalho é, pois, determinável, mas é, em verdade, indeterminada. (MARX, 2017, p. 306)

Desta maneira, o trabalhador, no contexto capitalista, torna-se, de certa forma, semelhante a um motor, onde, tal qual um motor, é utilizado em sua função laboral de forma intensa, objetivando alta lucratividade para seu detentor. Ainda comparativamente, homem e máquina possuem limites físicos e precisam descansar, gozando de um tempo de não trabalho. Necessidade traduzida ao empregador e/ou detentor dos meios, não como ócio necessário e renovador das forças, mas como tempo de improdutividade.

Sendo assim, com a evolução dos ambientes trabalhistas modernos e contemporâneos, houve, também, a sistematização das leis e normativas que os acompanham. Com esta redução compulsória nas jornadas de trabalho, o sistema capitalista, na tentativa de evitar o prejuízo de sua lucratividade, buscou se adaptar às novas leis recorrendo à chamada intensificação do trabalho, que envida driblar as leis, fazendo com que o empregado trabalhe efetivamente por menos tempo, porém, com um dispêndio exacerbado de trabalho, assim, tapando poros de tempo improdutivo durante a jornada de trabalho (MARX, 2017, p. 481-490).

Todavia, é importante ressaltar a diferença entre intensificação e produtividade. Dois conceitos, aparentemente semelhantes, mas que se distinguem em diversos aspectos. Sadi Dal Rosso, em seu livro *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*, toma esta diferenciação como um dos pilares de sua obra, assim, explica que os dois conceitos em questão são diferentes com conteúdo distintos e segue afirmando que “a noção de intensidade desvela o engajamento dos trabalhadores significando que eles produzem mais trabalho, ou trabalho de qualidade superior, em um mesmo período de tempo considerado” (DAL ROSSO, 2008, p. 29). Já a produtividade, nas palavras

do autor, “restringe-se ao efeito das transformações tecnológicas” (DAL ROSSO, 2008, p. 29). De mais a mais, o autor também indica que a produtividade pode ser resultante da intensidade, porém, em outros casos independe da mesma, podendo ser advinda de mudanças organizacionais no ambiente de trabalho (DAL ROSSO, 2008, p. 25-29).

Na época que Marx formulou sua teoria e realizou seus estudos, vivia-se o auge da revolução industrial, onde o trabalho tinha características predominantemente manuais e essencialmente materiais. Com a evolução dos meios de produção, do maquinário de trabalho e do próprio trabalhador, a atividade laboral humana tornou-se continuamente mais complexa e intensificada, pois “assim como a revolução industrial repercutiu sobre a classe trabalhadora dando origem à classe operária industrial, a revolução informacional gera a classe dos trabalhadores imateriais intensificados” (DAL ROSSO, 2008, p. 31). Esta afirmativa, reforça a ideia da evolução da atividade laboral do homem, que na contemporaneidade apresenta-se como uma mescla de materialidade e imaterialidade, e que, após a dita revolução informacional, às atividades de trabalho não materiais se expandiram e tomaram novas proporções no universo trabalhista:

É erro grosseiro supor que intensificação ocorre apenas em atividades industriais. Muito ao contrário. Em todas as atividades que concentram grandes volumes de capital e que desenvolvem uma competição sem limites e fronteiras, tais como nas atividades financeiras e bancárias, telecomunicações, grandes cadeias de abastecimento urbano, nos sistemas de transportes, nos ramos de saúde, educação, cultura, esporte e lazer e em outros serviços imateriais, o trabalho é cada vez mais cobrado por resultados e por maior envolvimento do trabalhador. Tais atividades não-materiais estão em estado avançadíssimo de restauração econômica e nelas o emprego de trabalho intensificado é prática corriqueira. (DAL ROSSO, 2008, p. 31)

Conclusivamente, é inegável que, frente à uma 4ª revolução industrial tecnológica, tornamo-nos uma sociedade centrada em trabalhos imateriais. Ademais, a necessidade do capitalista de obter lucratividade gera uma intensificação sedenta por um ofício impecável e realizado no prazo mais curto possível (DAL ROSSO, 2008, p. 180-182). Desta forma, a classe operária sofre pressões constantes tanto físicas como mentais, resultando em patologias advindas do excesso de trabalho e minimização de tempo de lazer. Dentre estes problemas de saúde que afligem, por exemplo, o trabalhador da construção civil, podemos destacar: “quedas, lesão nos pés, nas pernas, nos joelhos, nos dedos, nas mãos, nos braços, nos dentes e nas cabeças” (DAL ROSSO, 2008, p. 143).

4 | MAIS-VALIA E INTENSIFICAÇÃO

Na conceituação marxiana – sem entrar nas especificidades e desdobramentos do termo – mais-valia ou mais-valor (*Mehrwert*) é “o excedente do valor do produto sobre a soma de valor de seus elementos de produção” (MARX, 2017, p. 289). Em outras palavras, a mais-valia representa a quantia de lucro que o proprietário do capital ganhou em cima

do produto de seu trabalho agregado. Assim, entende-se que para obtenção da mais-valia, o capitalista tem de levar em consideração todos os gastos necessários no percurso de produção, desde gastos com matéria prima até a contabilidade de investimento em mão de obra assalariada. Após a confecção do produto, dá-se a ele um valor de mercado, valor este que torne possível não só a produção de mais produtos, como também a lucratividade do capitalista.

Pode-se afirmar, então, que a mais-valia é diretamente proporcional ao mais-trabalho, pois este é o trabalho excedente, enquanto aquele é a lucratividade excedente que foi gerada a partir do mais-trabalho (Marx, 2017, p. 289-304). Logo, o conceito de mais-valia está ligado, de forma intrínseca, com o mais-trabalho. Podendo até, como mencionado anteriormente, derivar-se dele durante o processo laboral.

Compreendendo estes dois conceitos, adentramos em suas ramificações. A mais-valia, ou mais-valor, se subdivide em dois: mais-valor absoluto e relativo. Marx, em uma passagem de *O capital*, explica de forma clara e concisa esta subdivisão:

O mais-valor obtido pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; o mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de mais-valor relativo. (MARX, 2017, p. 390)

Sobre o mais-valor absoluto, o autor deixa claro que este é derivado de uma jornada de trabalho prolongada, ou seja, que contenha, propriamente, mais horas de trabalho efetivo. Já em se tratando do mais-valor relativo, o filósofo nos remete mais uma vez à intensificação. Ao rubricar “tempo de trabalho necessário”, Marx, está se referindo a quantia de horas trabalhadas pelo proletário que garante sua subsistência diária. Com isso, constata-se que a jornada de trabalho está dividida em trabalho necessário e mais-trabalho, onde o trabalho necessário garante a sobrevivência do trabalhador por meio do salário a ele imposto, enquanto o mais-trabalho garante a lucratividade produzida pelo trabalho e destinada ao capital.

A partir destes pressupostos, e dando continuidade à análise da fala de Marx, é possível compreender que a redução do tempo de trabalho necessário, juntamente ao aumento do mais-trabalho, só é viável por meio da intensificação do trabalho e da evolução dos meios de produção. Assim, com o avanço na maquinaria e nos métodos de produção, o trabalhador aumentará sua produtividade, demandando menos tempo para tal.

Portanto, entendemos que para o aprimoramento do processo de mais-valia relativa é necessário não só a mudança na intensidade laboral, como também uma alteração significativa nos recursos e método de execução do trabalho e, de modo geral, um “avanço” nos meios de produção.

Este tipo de produção tem consequências na vida social do trabalhador, consequências como as já citadas anteriormente e que hodiernamente, mais do que nunca,

relacionam-se a intensificação do trabalho produzida por este “avanço” nos recursos e elevada exponencialmente no período da pandemia de Covid-19.

5 | INTENSIFICAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA

No prognóstico de Marx “A variação da jornada de trabalho se move, assim, no interior de limites físicos e sociais, porém ambas as formas de limite são de natureza muito elásticas e permitem as mais amplas variações” (MARX, 2017, p.306). Essa elasticidade e flexibilidade das jornadas de trabalho, em nosso momento histórico de hiperconectividade, foi elevado de modo exponencial, inimaginável ao pensador alemão. Com os recursos atuais que nos permitiram integrar pessoas, conhecimento e informações em um grande banco de dados disponível à análise (*Big data*), houve uma inegável e progressiva dilatação e turvamentos de algumas fronteiras espaço-temporais, que nos limitavam.

Elementares ferramentas de comunicação por voz como o telefone, de trocas de documentos, informações e mensagem como o fax, em seguida o e-mail, trocas de mensagem via sms, envio de vídeos, telechamadas, teleconferências etc, foram paulatinamente sendo incorporadas em nossos cotidianos, chegando a, algumas delas, evoluírem aprimorando suas próprias funções e aglutinando outras, de modo a se tornarem cada vez mais entrelaçadas nos mais diversos setores da vida humana: na arte, na religião, na educação, no mundo do trabalho de modo geral, dentre outros setores. Ferramentas assimiladas a um tal ponto que, em âmbitos como o social, nos tornamos compulsoriamente dependentes de algumas delas; e, em âmbitos como o do trabalho laboral, essas ferramentas passaram a ser as bases fundamentais da existência de certos serviços e produtos e a condição *sine qua non* da manutenção e “avanço” dos mesmos.

Uma tal conjunção que funde fatores como os avanços tecnológicos, a pseudo necessidade de produção maior em menor tempo, acúmulo de capital (social, financeiro, cultural), passa não apenas a pautar o sistema de produção e o mundo do trabalho laboral, como também as agendas do trabalho como cultura humana em suas raízes vitais, criando uma alienação e intensificação, mesmo das relações sociais, produzindo realidades sociais paralelas que também dilatam essas fronteiras espaço-temporais, ao mesmo tempo que alienam os indivíduos em bolhas sociais.

Essa conjunção estabeleceu uma relação de simbiose com inúmeros aspectos e setores da vida em sociedade. Em contrapartida, no mundo do trabalho laboral e relação estabelecida foi de parasitismo, pois que todos esses elementos que vimos em nosso estudo – trabalho alienado, mais-valia, mais-trabalho e intensificação – se acirram de tal maneira que a sociedade não consegue mais reagir de modo consistente a essa ameaça às suas raízes vitais, justamente pelo fato de tal conjunção de elementos já estar arraigada no sujeito e tornada cada vez mais naturalizada.

Muitas dessas ferramentas tecnológicas, que antes tinham um papel mais voltado à socialização cotidiana ou ao entretenimento, foram assimiladas efusivamente pelo mundo do trabalho laboral, passando a ter um papel de protagonistas nas imposições geradas pela pandemia do Novo Coronavírus, estendendo sua atuação de limitados nichos do mundo corporativo, para reuniões familiares, encontros com amigos, aulas, palestras, eventos acadêmicos, aniversários, shows, entretenimento, dentre outras utilizações e adaptações dos recursos. Um protagonismo que foi visto inicialmente como uma alternativa viável, mas que, com o passar de poucos meses, apresentou suas consequências de agravamento da alienação e intensificação do trabalho, mais-valia e mais-trabalho, afetando inúmeras categorias, mas, sobremaneira, diga-se reverentemente, às categorias de trabalhadores de entrega e de transporte por aplicativos.

Estas categorias, outrora invisibilizadas, passaram ao posto de destaque nos períodos mais críticos de restrição social e readaptação ao comumente chamado “novo normal”. A despeito de todos os subterfúgios ideológicos e alienantes lançados a essas e a outras categorias de trabalhadores, a intuição da influência severa do capital levou à percepção da assimilação de tais tecnologias em prol da geração de lucro acima de tudo, mesmo com a desastrosa situação mundial. Esta percepção levou à suspeita de que designativos como “colaborador da nossa empresa”, “associado”, “empreendedor” encobriam a verdadeira supressão de direitos e trilhas ainda não mapeadas pelas leis trabalhistas, provocando as primeiras insurgências contra essas novas modalidades em maio à pandemia: manifestações, piquetes em casa, exigências por mais direitos, greves físicas e virtuais.

Em outro setor do mundo laboral e corporativo, muitas empresas percebem na crise uma maneira de evitar a demissão e restrição salarial de seus funcionários. O chamado trabalho remoto, teletrabalho ou, como se popularizou erroneamente no Brasil, o *Home office* vêm como uma alternativa “milagrosa” de, por um lado, diminuir as demissões sumárias e ajudar o trabalhador a manter sua renda mas, por outro obscurecido lado, diminuir os custos do empregador, reduzindo o pessoal ou os salários, mantendo a produção no mesmo ritmo e nível ou, mesmo, aumentando a produção em alguns casos de serviços ou produtos relevantes no período de isolamento.

Nesse contexto de produtividade remota ou *Home office*, há o mencionado borramento dos limites espaço-temporais entre a residência e o trabalho laboral ou corporativo, tal como explica o artigo *Pandemia: (mesmos) modos de morar e trabalhar?*,

Com o isolamento e aceleração dessa transformação social, os “modos de morar” e “os modos de trabalhar” não apenas se confundem (como já pretendia a reorganização econômica) mas, de forma sobremaneira intensificada, vão se homogeneizando como medida durante e para além da pandemia, permitindo o rompimento de relações que impediam o aumento da produção (mesmo que sejam direitos, ainda que fundamentais), desde que criem condições favoráveis para a superação da crise, aumento da

Todo o cenário de intensificação do trabalho, diminuição de despesas por parte do empregador e manutenção de formas escusas de lucro é encoberto pelo véu das demandas da crise. Demandas que, inegavelmente, mudaram nossos modos de ser, mas que, em contrapartida, não impediram que os pequenos, médios ou grandes visionários do capital enxergassem oportunidades de confranger do trabalhador maneiras de lucrar, seja com a economia no corte salarial, de pessoal, de energia elétrica, de compra de equipamentos, de pagamento de internet, compra de mobiliário adequado, materiais de expediente e consumo etc. Todas essas despesas, de responsabilidade do empregador, estavam sendo adaptadas ou bancadas pelos próprios trabalhadores agora, gerando, na maioria dos casos, uma precarização acentuada das condições de trabalho e intensificação pelo fechamento dos poros de tempo de ócio.

Mesmo antes das restrições impostas pela pandemia, ferramentas como os aplicativos de trocas de mensagens instantâneas já apresentavam um enorme impacto de intensificação em várias categorias de trabalho, que se viam estranguladas a permanecer, de alguma sorte, ligadas ao ambiente de trabalho, sendo bombardeadas com estímulos de produtividade que, inevitavelmente, penetram e adentram os momentos de ócio e lazer do trabalhador, mesmo que de modo sutil.

A respeito da intensificação do trabalho, Souza *et al* (2021, p.2) observa de modo perspicaz o fato de que os setores que desenvolvem atividades de modo eminentemente coletivo, como cultura e educação, foram afetados de um modo muito peculiar e, em dada medida, nocivo não só ao docente, mas a todo o processo educacional. Como já abordado anteriormente, sabe-se que a docência traduz-se como uma produção de trabalho não-material (SAVIANI, 2011), estando ela presente como protagonista no processo de construção do saber.

A atividade laboral em questão caracteriza-se por ter uma carga de trabalho das mais extensas em todo o mercado, pois, além de o professor ter a responsabilidade de produzir e compartilhar o conhecimento com o discente durante as aulas, este também tem como obrigação, devido às demandas da era da informação, estar sempre atualizado e em constante processo de aperfeiçoamento (DAL ROSSO, 2008, p.175-180). Tudo isso acompanhado do processo de mais-trabalho, gera para o professor, uma carga-horária de labor que vai além de seu tempo em sala de aula, estendendo-se na “elaboração de aulas, correção de provas e trabalhos, orientação de alunos etc.” (DAL ROSSO, 2008, p. 179).

O profissional docente sofre as consequências do mais-trabalho de outras formas, sendo elas descritas por Dal Rosso (2008) como consequências do trabalho intelectual exacerbado, que podem gerar malefícios como aumento do estresse, problemas emocionais, desvios posturais, alergias, gastrites crônicas e até mesmo a famigerada lesão por esforço repetitivo (LER). De forma mais específica, na docência, a intensificação do trabalho feita

por meio de pressões sobre o professor, falta de tempo de lazer e de ócio, e más condições de trabalho, podem vir a ocasionar danos à saúde como alergias, problemas posturais e de garganta, rouquidão e nódulos nas cordas vocais, tal como nos apresenta Dal Rosso um trecho de Damien Merllié e Pascal Paoli

A intensidade do trabalho aumentou na década passada, mais fortemente entre 1990 e 1995 que entre 1995 e 2000. A intensidade do trabalho está fortemente correlacionada com problemas de saúde relacionados ao trabalho. [...] As desordens musculoesqueléticas (dor nas costas e nos músculos, particularmente no pescoço e ombros) estão em crescimento, assim como *burn-out*. o estresse permanece no mesmo nível (28%). Há fortes correlações entre estresse e desordens musculoesqueléticas e maneiras de organizar o trabalho tal como trabalho repetitivo e velocidade do trabalho. (MERLLIÉ; PAOLI, *Apud* DAL ROSSO, 2008, p. 138)

Somando-se todos esses efeitos de intensificação e mais-trabalho à conjuntura gerada pela pandemia, vimos uma multiplicação de todas as sequelas negativas engendradas pela espoliação do trabalho docente. O “novo normal” forçou docentes de diferentes gerações a se adaptarem bruscamente aos recursos e ferramentas que antes eram apenas acessórios, pois, doravante,

Para dar conta de todas as tarefas, é necessário realizar atividades fora da jornada formal de trabalho, como gravar aulas, disponibilizá-las em plataformas digitais e atender aluno(a)s por aplicativos como o Whatsapp, muitas vezes, em grupos criados pela própria coordenação escolar (SOUZA *et al*, 2021, p. 6)

Outrossim, permitiu-se de modo amplo e irrestrito a aplicação de um precário Ensino Remoto Emergencial, que acentuou desigualdades socioeconômicas, promovendo nas classes mais baixas e mais afetadas uma verdadeira segregação do processo educacional. Em função do isolamento social, docentes e discentes, continuaram na necessidade de tentar continuar suas produções, mesmo com o sentimento de ostracismo à espreita, acentuando não apenas problemas visuais, musculoesqueléticos e posturais pelo prolongado tempo em frente às telas, mas também acentuando problemas emocionais relacionados ao ofício docente.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos em nosso estudo, a intensificação produzida pela conjunção entre mais-valia e mais-trabalho age tapando os poros de tempo “improdutivo” durante a jornada de trabalho (MARX, 2017, 481 s.s.). No contexto da pandemia a intensificação do trabalho docente reflete-se na autorização do aumento da quantidade de turmas simultâneas a serem conduzidas pelo professor, lançando mão de um excesso de tecnologias e ferramentas que, por várias ocasiões, mais demoviam do que ajudavam o propósito da comunicação remota, seja por imperícia, seja por ruídos ou problemas técnicos, como queda de sinal. Reflete-

se ainda no acúmulo de tarefas domésticas em conjunto com as atividades escolares/acadêmicas.

Ao tratarmos dos tipos de trabalho definimos, com a chancela de Saviani (2011), que o processo educacional identifica-se com o trabalho imaterial, onde o produto não se separa do ato de produção, isto é, diferente de um livro ou uma pintura, a aula não se separa do professor, não sendo, nessa concepção, consumível. Nada obstante, para nossa preocupação, vemos prostrados a assimilação do capital devorar antigas concepções e exponenciar seus mecanismos, com um bizarro caso ocorrido no Canadá e relatado em diversos sites de notícias no início de 2021.

Ao se matricular em uma disciplina *online* de História da Arte, na *Concordia University*, no Canadá, o universitário Aaron Ansuini se entusiasma com as aulas do professor François-Marc e tenta contactá-lo para fazer perguntas e conversar mais sobre o tema ministrado nas aulas. Ao procurar o nome e contato do docente na internet, o graduando teve o susto de encontrar o obituário do ministrante da disciplina. No ato da matrícula, a instituição não avisou os alunos teriam aulas com um professor que havia falecido em 2019, justificando que no Canadá não é ilegal utilizar amplamente as produções dos professores, mesmo depois de seu falecimento (MOREIRA, 2021).

Este triste e lúgubre caso, não caracteriza apenas uma subversão da premissa de que o trabalho imaterial docente não se separa de seu produtor, mas, sobretudo, o ensejo perfeito para um método mais sofisticado de alienação do trabalho, que promove a dissociação acentuada entre o produtor e o produto em modalidades antes preservadas e invioladas.

Destarte, a pandemia liberou algumas mazelas do trabalho alienado antes limitadas por falta de recursos tecnológicos, contextos de resistências e coerção das próprias legislações. Vimos que essa alienação se manifestou sob formas mais sutis e perigosas em que a mais-valia e o mais-trabalho apertaram as urdiduras de suas tramas, criando flexibilizações negativas em relação aos direitos trabalhistas e intensificando inúmeras classes de trabalhadores, incluindo-se fatalmente a classe docente. Em pouquíssimos meses, após o início das restrições mais severas, sentimos no âmbito da educação os impactos e consequências que iremos ter que equacionar doravante a abertura desta caixa de pandora.

Como perspectivas ante as sequelas pós-pandemia que iremos enfrentar, cabe a nós, como categoria ativa, perceber e classificar as novas estratégias do capital e resistir aos novos assédios e formas sutis de assimilação, evitando naturalizar e aceitar precarizações, intensificação e, mormente, evitar que chegue ao âmbito educacional a nova tendência de uberização, que seria a máxima flexibilização dos frutos do trabalho docente e a alienação que separa produtor e produto, tornando os frutos de nosso trabalho algo consumível e descartável e o produtor, automatizável, substituível.

REFERÊNCIAS

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOREIRA, Fernando. Universitário se empolga com aula on-line e descobre que o professor já morreu. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, Ano 15, 29 de jan 2021: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/universitario-se-empolga-com-aula-on-line-descobre-que-professor-ja-morreu-24860505.html>. Acesso 11.02.21

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 11ªed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVEIRA, S.; ROSSI, R.; VUONO, G. Pandemia: (mesmos) modos de morar e trabalhar? **Políticas Públicas & Cidades**, Belo Horizonte, vol. especial, p. 1-5, jun, 2020. Disponível em: <http://cidade-pandemia.com.br/2020/06/22/pandemia-mesmos-modos-de-morar-e-trabalhar-suzana-maria-renan-rossi-e-gabriel-vuono/>. Acesso: 03 jan 2021.

SOUZA, Katia Reis et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, vol. 19, p. 1-14, janeiro, 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462021000100401&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 13 de jan 2021

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento de Egressos 251, 252, 255

Alfabetização 59, 60, 62, 64, 65, 66, 95, 96, 102, 103, 165, 168, 170, 171, 172, 228, 230, 232, 234, 256

Análise 17, 21, 23, 26, 28, 31, 36, 37, 54, 56, 67, 68, 82, 86, 95, 99, 110, 115, 117, 119, 120, 123, 128, 130, 135, 136, 137, 139, 142, 148, 160, 164, 169, 175, 180, 187, 189, 199, 210, 211, 215, 216, 217, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 251

Anos Iniciais 96, 165, 167, 168, 170, 190, 249

Aprendizagem 13, 53, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 96, 100, 101, 104, 107, 109, 110, 113, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 142, 146, 158, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 193, 194, 226, 229, 232, 235, 236, 237, 238, 241, 247, 248, 249

Avaliação Interna 82, 83, 87, 88

C

Capitalismo Acadêmico 19, 20, 21, 22, 23

Categorias 17, 29, 38, 39, 52, 117, 119, 120, 123, 124, 126, 130, 135, 136, 205, 212, 216

Colegialidade 19, 20, 21

Covid-19 126, 127

D

Deficiência 158, 159, 210, 211, 215, 217, 220, 222

Desafios 4, 18, 23, 80, 84, 85, 86, 90, 91, 93, 94, 98, 102, 103, 115, 138, 164, 197, 198, 209, 241

Desfiles Escolares 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154

Dialogicidade 1, 6

Diálogo 6, 7, 9, 10, 18, 65, 89, 108, 131, 132, 133, 134, 138, 143, 146, 188, 206, 223, 224, 225, 226, 237

Discência 9, 12

Discurso 3, 4, 6, 7, 44, 47, 49, 50, 51, 67, 68, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 115, 125, 134, 157, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 229, 232, 238

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119,

120, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 132, 140, 142, 143, 144, 146, 154, 155, 156, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 176, 177, 184, 185, 186, 190, 191, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 219, 222, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 252, 256, 257

Educação Contextualizada 140, 142, 143, 144, 146, 154, 156

Educação do Campo 24, 25, 27, 28, 93, 155, 156, 171, 186, 190, 197, 257

Educação Infantil 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 117, 118, 119, 123, 125, 127, 128, 167, 172, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249

Educação Profissional 67, 68, 72, 73, 80, 81, 257

EJA 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

Ensino 2, 5, 9, 11, 13, 16, 20, 21, 22, 23, 40, 54, 55, 56, 57, 65, 67, 72, 74, 79, 80, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 142, 146, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 173, 177, 179, 181, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 204, 205, 207, 226, 228, 229, 232, 236, 238, 240, 245, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257

Ensino Básico 158

Ensino Remoto 40, 89, 91, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128

Entrevista 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 152, 174, 181, 183, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Escola 4, 5, 6, 10, 14, 15, 16, 18, 71, 80, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 114, 118, 125, 128, 142, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 177, 181, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 202, 203, 204, 206, 209, 217, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 246

Escolaridade 72, 173, 174, 175, 177, 178, 180, 232, 233

Esperança 1, 2, 3, 7, 8, 11, 16, 17, 18, 46, 75, 101, 164, 181, 184, 225

Estado 5, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 35, 61, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 90, 105, 109, 112, 114, 117, 123, 124, 126, 140, 141, 160, 164, 175, 177, 184, 190, 203, 207, 219, 235, 256

Estilos Parentais 117, 118, 119, 121, 122, 123, 127, 128

Ética 1, 5, 6, 8, 12, 14, 17, 18, 43, 49, 50, 51, 52, 57, 120, 143, 170, 208, 213, 251

Eurocentrismo 43, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 56, 114

F

Família 3, 4, 14, 72, 75, 77, 81, 118, 122, 123, 124, 125, 131, 136, 137, 153, 159, 172, 190, 218, 219, 220, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 244, 247, 248

Fazer Docente 9, 10, 11, 14, 66, 195

Feira de Ciências 158, 161, 162, 163

Formação Continuada 9, 10, 104, 115, 197, 223, 224, 225, 226, 227

Formação Docente 186, 194

Formação Humana 1, 108

Foucault 44, 45, 48, 51, 58, 143, 156, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222

G

Gestão do Conhecimento 82, 83, 88, 89, 90

H

Heterogeneidade 100, 165, 168, 169, 171

I

Identidade 9, 10, 15, 18, 25, 106, 108, 119, 120, 142, 145, 147, 148, 156, 169, 173, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194, 196, 197, 198, 220, 226

Indicador de Desempenho 251, 254, 255

Intensificação 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 231, 232

Interação 28, 54, 65, 108, 124, 126, 139, 169, 188, 189, 206, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 252

L

Letramento 59, 60, 61, 62, 65, 229, 232, 234, 256

Linguagem Oral e Escrita 59, 60, 65

Luta de Classes 24, 27, 83

M

Marx 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 53, 69, 80, 176, 185, 198, 231, 233

Meninas Carentes 158

Movimento Estudantil 19, 20, 21, 22, 23

Multisseriação 165

N

Narrativa Infantojuvenil 210

O

Oncológico 130

P

Pandemia 29, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 89, 90, 91, 117, 118, 119, 123, 126, 127, 128, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 182, 183, 242, 243, 245, 246, 248

Papel dos Pais 120, 235, 237

Paulo Freire 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 95, 146, 197, 225

Pedagogia Alternativa 140, 142, 146, 155

Perda de Autoridade 235, 236, 237, 238

Permissividade dos Pais 235, 237, 238, 239, 240

Pesquisa de Satisfação 251

Pobreza 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 178

Políticas Públicas 24, 25, 26, 27, 28, 42, 67, 80, 91, 120, 204, 235

Pós-Modernidade 43, 53, 57, 152, 154, 237, 241

Possibilidades 2, 5, 12, 13, 44, 52, 57, 62, 63, 75, 87, 90, 93, 94, 97, 98, 102, 108, 114, 115, 116, 118, 123, 125, 142, 143, 146, 165, 167, 168, 188, 208, 212, 232, 244, 247

Prática Pedagógica 25, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 143, 195, 199, 200, 201, 205, 206, 208, 209, 248

Professora de Educação Infantil 199

Professores 2, 5, 6, 17, 19, 20, 41, 54, 56, 57, 65, 84, 85, 86, 94, 95, 97, 99, 103, 106, 108, 110, 113, 114, 120, 123, 125, 128, 140, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 162, 166, 169, 172, 177, 189, 192, 194, 195, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 223, 224, 225, 226, 227, 235, 237, 238, 242, 249, 256, 257

Pronatec 67, 68, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80

Q

Qualitativo 29, 130, 136, 185, 201

S

Sinaes 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

T

Trabalho 5, 11, 12, 17, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 49, 54, 55, 59, 60, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 72, 76, 78, 80, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 117, 118, 123, 130, 133, 136, 138, 147, 148, 158, 160, 162, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 181, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 221, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 247, 251, 252

Trabalho Docente 29, 37, 40, 41, 108, 168, 192, 208

U


Universidade Comunitária 19, 20, 21, 22, 23

V

Verdade 4, 6, 34, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 131, 143, 146, 169, 194, 210, 212, 213, 214, 219, 220, 221, 239

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora


 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


 **Atena**
Editora

Ano 2021

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021